

UNS NO ATAQUE E OUTROS NA DEFESA, UM JOGO SOCIAL E QUEM FAZ O GOL É O GOVERNADOR: UM OLHAR SOBRE O ESTÁDIO “ALBERTÃO” NA CIDADE DE TERESINA

Natalí Veras Pedrosa (bolsista do PIBIC/CNPq), Francisco Alcides do Nascimento (orientador, Depto. de Geografia e História – CCHL/UFPI)

Na década de 70, as principais capitais brasileiras experimentaram um processo modernizador direcionado pela euforia desenvolvimentista proporcionada pelo “milagre econômico brasileiro”. Teresina foi uma dessas capitais que passaram por esse processo. Pode-se afirmar que as construções, as modificações, na urbe teresinense, bem como as expectativas, os anseios de modernizar-se, de abrir-se ao turismo da sociedade da capital do Piauí, na década de 1970, marcam um momento de intensa modernização entusiasmado pela conjuntura e pelo imaginário nacional experimentados na época. Simbolizavam um desejo de abrir-se para o restante do país e se reconhecer como uma parte atuante desse conjunto. Em meio às diversas transformações realizadas na cidade de Teresina, tais como asfaltamento de avenidas, remodelação das praças da cidade, instalação de pontes, reforma no Hotel Piauí, implantação da Universidade Federal do Piauí, reforma e ampliação do Teatro 4 de Setembro etc. A implantação de uma praça esportiva, projetada e construída ao nível dos grandes centros, o Estádio de Futebol Governador Alberto Tavares Silva – “O Albertão”, a qual proporcionou ao Estado do Piauí a sua inserção no cenário esportivo nacional, é o foco dessa pesquisa. Construir um estádio com a capacidade de 60 mil pessoas, no Piauí, era unir o estado ao conjunto da nação tanto nos ditames modernos, quanto nos jogos nacionais. Durante a construção do estádio, muitos comentários duvidosos sobre a conclusão desse empreendimento de Alberto Silva foram publicados na imprensa escrita local. Entretanto, contrariando os prognósticos negativos, a nova casa de esportes da capital piauiense foi inaugurada, em sua primeira etapa, na tarde de domingo, dia 26 de agosto de 1973. O estádio estava pronto para o jogo do “Brasileirão” entre o Tiradentes e o Fluminense do Rio de Janeiro. No entanto, essa monumental obra não foi somente palco de festa em sua inauguração. Uma tragédia provocada pelo pânico gerado por um falso alarme de desmoronamento anunciado por um espectador, aliado ao grande barulho originado pelo sobrevoos de um avião, resultou, segundo a versão oficial, em oito mortes. A presente pesquisa a qual tem o apoio da Universidade Federal do Piauí tem como objetivo central analisar o significado da construção do Estádio Governador Alberto Tavares Silva (Albertão), em 1973, na cidade de Teresina, identificando os interesses, as expectativas e os sentimentos da sociedade em torno desse empreendimento. Inicialmente, essa pesquisa foi norteadada pelo levantamento da bibliografia referente à temática em estudo e ao recorte temporal e espacial da mesma. Em seguida, aliamos as leituras com as pesquisas hemerográfica e fotográfica, realizadas no Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito. Procuramos compreender a construção do Estádio Alberto Tavares Silva, utilizando os periódicos da época, capturando através desses vestígios, as imagens e discursos em torno da edificação e da tragédia ocorrida no dia da inauguração da sua primeira etapa. A fim de analisar a construção da memória das pessoas em relação a esse episódio piauiense, recorreremos à metodologia da História Oral, empregando a entrevista oral como uma fonte histórica, visando compreender de que forma as pessoas envolvidas no acidente elaboram, reconstruem, selecionam, acrescentam, silenciam, suas experiências, enfim, como organizam suas lembranças sobre um acontecimento. Refletindo sobre os diversos olhares diante da construção do “Albertão” é possível perceber como um prédio pode falar muito da cidade, do estado, do país em que está inserido. Sua forma, sua

grandiosidade, seus detalhes são marcas de um momento histórico. Os comentários, as críticas, os elogios, em relação a esse empreendimento são capazes de provocar reflexões sobre as construções arquitetônicas e espaciais, já que estas, além de modificarem um local, interferem nos desejos, nas esperanças, nos sentimentos das pessoas. Na época, os jornais pesquisados, tentaram colocar de lado a tragédia e lembrar a alegria, o clima de comemoração experimentado pela cidade de poder sediar jogos do Campeonato Nacional. Entretanto, o acidente teve grande repercussão, sendo divulgado por vários meios, nos jornais, nas rádios, marcando a memória das pessoas que o vivenciaram, ferindo não somente os corpos, mas, principalmente, as lembranças. Para muitos, o estádio, local em que se deu o acidente, ficou marcado como um lugar de memória. Portanto, essa pesquisa fornece elementos para a elaboração de uma história das comemorações, tendo em vista as possibilidades de se analisar as múltiplas representações em torno de um evento. Para tanto, deve-se considerar que a memória é construída e selecionada, dependendo do grupo social que a detém. Portanto, o olhar sobre o Estádio “Albertão”, encontra-se intimamente interligado aos interesses e objetivos dos narradores. Assim, as imagens pelas quais os atores históricos representam seu mundo, possibilitam ao historiador a compreensão da construção da “memória coletiva”. Buscamos analisar, portanto, os silêncios, os não ditos desta memória, procurando entender a relação do homem com seu passado, de como se definem o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, o que se busca construir, o que se busca conservar e o que se busca realçar nas memórias da tragédia no “Albertão”.

Palavras-chave: História. Memória. Tragédia.

Referências Bibliográficas

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CHAVEAU, Agnès, TETART, Philippe. *Questões para a história do presente*. Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Tradução: Maria Cristina Frias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 314-332.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. In: *Varia história*. Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, jul/dez 2006, p. 261-273.

KNAUSS, Paulo. Fogo sob as cinzas: Maior tragédia da história do país, o incêndio do Gran Circus Norte-Americano, em Niterói, continua vivo na memória de sobreviventes e testemunhas. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional: Árabes somos nós: as origens que o Brasil desconhece*. Ano 4. n. 46. 2009. P. 44-48

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003, p. 419-471.

MAUAD, Ana Maria. Dimensões do Presente: palavras e imagens de um acontecimento, os atentados ao World Trade Center e ao Pentágono, em 11 de setembro de 2001. In: *História do tempo presente*. PORTO JUNIOR, Gilson (org.). Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. Palavras e Imagens de um acontecimento: o incêndio do Gran Circus Norte-Americano, Niterói, 1961. In: *X Encontro Regional de História Anpuh-Rio*. 2002

MEYER, Eugenia. O fim da memória. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43 janeiro-junho de 2009, p. 31-44.

MONTE, Regianny Lima. *Teresina sob os Anos de Cumbo: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente*. 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Cajuína e cristalina em Teresina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970*. In: *Revista Brasileira de História*. v.27, nº 53. São Paulo, jan-jun: 2007, p.195-214.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*. Vol. 27, n. 53, 2007. p. 11-23

PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

_____. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15

Depoimento

PACHECO, Maria de Lourdes Santana. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento, Natalí Veras Pedrosa e Luana Pacheco Faria de Carvalho*. Teresina, 2010.

SOUSA. Domingos Pedro. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento, Natalí Veras Pedrosa e Talita Kamache Rodrigues Lima*. Teresina, 2009.

Fontes Hemerográficas

Jornais de Circulação Diária

O Dia (1970-1975)

Jornal do Piauí (1971-1975)

O Estado (1971-1975)

Jornais de circulação Semanária

Estado do Piauí (1971-1975)

Correio do Povo (1973-1975)